



# mutações do laço social o novo nas parcerias

XXIV  
Jornada  
EBP-MG  
{fora de série}

## **Mutações do laço social – proposições de Marie-Hélène Brousse recolhidas por Samyra Assad em entrevista realizada em Paris no dia 06.02.2020**

Vale lembrar que essa conversa com Marie-Hélène Brousse ocorreu um mês antes da eclosão da pandemia mundial pelo coronavírus, e, desse modo, traz importantes considerações, a priori, sobre aquilo que pudemos experienciar depois, a saber, a incidência maior do virtual na experiência analítica, e sobretudo o que é trazido como certa expressão do “Um sozinho” (Samyra Assad).

A introdução cada vez maior do virtual no transferencial, isto é, as análises à distância, as análises por Skype, acarretam a perda da presença do corpo ligada a uma mutação da civilização. Precisamos cada vez menos estar presentes em carne e osso para fazermos as coisas. Não precisamos mais ir a uma loja, usamos a internet e a coisa chega. Temos cada vez menos necessidade de deslocar nossos corpos, e isso no momento em que a psicanálise está o tempo todo se interrogando sobre o que é um corpo, no momento mesmo em que o corpo está desaparecendo não da tela, mas desaparecendo pela tela.

Então, o que é uma sessão de análise por WhatsApp, por Skype, e uma sessão de análise em carne e osso? É muito cedo para avaliar, nem todo mundo se serve disso. Eu faço alguns desses atendimentos com pessoas de outros lugares que sempre recebo em carne e osso - não em qualquer condição - mas que, em alguma ocasião, por razões políticas ou outros motivos referentes à distância, em certo momento, não podem deslocar seus corpos. Efetivamente, isso muda muitas coisas em relação à escansão, ao lugar, sobretudo à aliança entre o tempo e o lugar – não o tempo do Outro, não o lugar do Outro, mas um lugar Outro, pois o consultório do analista não é do analista como Outro: o consultório do analista é um lugar fora do discurso do Mestre, fora do laço social.

A mutação, se eu a levo a sério, se assenta sobre uma modificação de estrutura. Consideramos que todos os avanços de tudo o que é virtual, de tudo o que é numérico produz uma mudança, em geral, na civilização. E, mais ainda, tudo o que é rede social é expressão do Um sozinho. A in-

ternet é o momento da concretização do que é o Um sozinho, uma forma de interpretação do Um sozinho. De maneira direta, o fato de fazermos uma análise à distância, cada um em sua casa, em seu consultório, é um traço de uma mutação fundamental do regime dos corpos em nossa sociedade. Se uma análise visa uma mudança de lugar, estamos diante de uma contradição, uma aporia, e ainda não temos a chave disso.

Esse é um arranjo do mundo virtual. Não é o mundo da escrita, tampouco o mundo da imagem do corpo. O que é fazer uma sessão de análise por WhatsApp? É ficar em casa, pelo fato de algumas vezes sermos obrigados a isso, evidentemente. Em minha opinião, não se pode fazer uma análise unicamente assim, é impossível.

A presença do corpo é importante e a imagem do corpo ali está, mas não é a mesma coisa. Isso fortalece a dimensão da imagem. E, por falar em mutação, aqui está uma: a transferência sofreu uma mutação que é a mutação do discurso do Mestre e que fortalece, por toda parte, em todos os campos, as imagens. Na verdade, essa é a única mutação que vejo, a que me ocorre no momento. Mas, certamente, há outras. Sem dúvida experimentamos impasses, modificações, e tiramos as consequências quanto à transferência.

Eu diria que é um furo virtual. E o virtual é o contrário do real. O corpo que se apresenta na análise não toca à imagem, mas, ao real. A imagem existe, está presente inclusive no consultório, a imagem ali está, ela é diferente porque uma distância é posta em relação à imagem daquele com quem se enlaça a transferência. Mas, se não há senão a imagem, o que resta é, de algum modo, uma modificação da imagem.

No nível da imagem, há a análise virtual; no nível do simbólico, há um Outro burocrático que vem se desenvolvendo. Na França, por exemplo, muitos jovens analistas estão inscritos em um site, chamado “Doctolib”, que presta atendimentos médicos e psicológicos. Nesse site, as pessoas procuram um analista, mas a transferência se enlaça com “Doctolib”, e não com uma figura, um significante. Encontramos, depois, uma sequência significante. Mas, aí, o Outro simbólico possui uma limitação, pois ele está cada vez mais próximo de um algoritmo e cada vez menos próximo de um nome. Quando você busca no site “Doctolib”, a transferência não é mais com um nome, pois ela se estabelece com “Doctolib” que é um nome coletivo. Isso muda as coisas. É menos certo que o regime do real mude. De toda forma, com essas duas mutações do imaginário e do simbólico, o real prospera.

Finalmente, isso nos leva a interrogar qual é o estatuto da transferência na dimensão do real. Sabemos qual a dimensão desta no imaginário, no simbólico também. Na dimensão do real, é o amor, o amor ou o ódio, mais do que o saber suposto.

**Edição do video original : Miguel Antunes**

**Tradução e estabelecimento do texto : Samyra Assad.**

**Revisão da tradução: Vera Avellar Ribeiro**